



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LETRAS PORTUGUÊS

MARIA VITÓRIA DA PAIXÃO RODRIGUES

“REJEITAR A RENDIÇÃO É A NOSSA CONDIÇÃO”: A
REPRESENTAÇÃO DE MULHERES NEGRAS EM *AS LENDAS DE
DANDARA*

João Pessoa

2023

MARIA VITÓRIA DA PAIXÃO RODRIGUES

“REJEITAR A RENDIÇÃO É A NOSSA CONDIÇÃO”: A
REPRESENTAÇÃO DE MULHERES NEGRAS EM *AS LENDAS DE
DANDARA*

Trabalho de conclusão de curso apresentado à
Coordenação do Curso de Letras, do Centro de
Ciências Humanas, Letras e Artes, da Universidade
Federal da Paraíba, como requisito para obtenção da
Licenciatura plena em Letras - Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Fabiana Carneiro da Silva

João Pessoa
2023

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

R696r Rodrigues, Maria Vitoria da Paixao.

"Rejeitar a rendição é a nossa condição" : a representação de mulheres negras em as lendas de Dandara / Maria Vitoria da Paixao. Rodrigues. - João Pessoa, 2023.
45 f.

Orientador: Fabiana Carneiro da Silva.
TCC (Graduação) - Universidade Federal da Paraíba/Centro de ciências Humanas letras e Artes, 2023.

1. literatura negro-brasileira. 2. Jarid Arraes. 3. fabulação crítica. 4. quilombo dos Palmares. 5. Dandara. I. Silva, Fabiana Carneiro da. II. Título.

UFPB/CCHLA

CDU 82:94(81)

entre cores
diluídas
e marcas
deixadas
não sei que mulher
é meu tipo
de ser
se sou como ela
como outra
se minhas raízes
se fazem entender
(Beira, Jarid Arraes)

AGRADECIMENTOS

À minha vó, Noemia, em memória. Por todas as vezes que passei chorando pelo cemitério pedindo sua ajuda, você me guiou até aqui. Obrigada por sempre estar comigo.

À Mainha, Evaneide, quero expressar minha profunda gratidão por tudo. Por se desdobrar de tantas maneiras para cuidar de mim, por estar presente em todos os momentos que vivi. Na escola, você sempre esteve ao meu lado, buscando-me quando eu precisava de apoio. Na fase adulta, continuou a ser meu apoio inabalável, acompanhando-me nas consultas médicas nos momentos mais desafiadores.

À Nilza, minha tia, que à tarde aguentava o barulho e a bagunça dos trabalhos escolares que eu levava para fazer em casa, enquanto ela fazia sua sopa na paz. Sua serenidade me ensinou a encarar a vida com maior tranquilidade. Obrigada por cuidar de mim.

À minha madrinha e tia, Esmeralda, e à minha prima, Camila, por terem me incentivado a leitura e aos estudos, comprando meus paradidáticos e materiais escolares. Estarão sempre na minha memória os cadernos chegando com cheiro de morango e as canetas coloridas e brilhosas. Em especial, quando ganhei o livro *O diário da princesa*, escrito pela Meg Cabot, da minha prima, foi por esse livro que comecei e nunca mais parei.

Ao meu melhor amigo e namorado, Yaggo, que esteve ao meu lado nos momentos felizes e difíceis. Ele foi meu ombro para chorar, meu ouvido paciente para desabafos intermináveis e a força que me impulsionou a seguir em frente, sempre me apoiando com seus abraços e palavras de encorajamento.

Às minhas amigas da época da escola, Jéssica, Nayanne e Liviane, obrigada por permanecerem por aqui. Vocês foram e continuam sendo importantes na minha vida e formação.

Às minhas parceiras no início do curso, Geórgia e Márcia, com vocês dei meus primeiros passos na universidade e enfrentamos o período remoto da pandemia. Quando uma de nós precisava, as outras duas seguravam suas mãos e a acompanhavam.

À minha parceira de final de curso, Samara, agradeço por deixar tudo mais leve nos nossos trabalhos. Você me trouxe alegria e acolhimento em dias de desânimo na universidade.

À professora Fabiana Carneiro da Silva, expressei minha gratidão pela atenção, sensibilidade e cuidado durante a orientação deste trabalho. Adicionalmente, quero registrar minha gratidão pelo fato de suas aulas terem sido uma fonte de inspiração para a vida.

À professora Franciane Conceição da Silva, que mesmo no período remoto, trouxe alento com suas aulas e me apresentou escritoras incríveis. À professora Danielle de Luna e Silva, por aceitar, juntamente com Francy, contribuir significativamente com meu texto. Muito obrigada por aceitarem o convite para integrarem o corpo examinador deste trabalho.

RESUMO

O objetivo deste estudo consiste em analisar as representações de mulheres negras presentes no livro intitulado *As lendas de Dandara* (2015), o qual foi escrito por Jarid Arraes. A abordagem contempla a perspectiva do livro como uma forma de transgressão a uma historiografia que silencia a história de Dandara, líder do quilombo dos Palmares e de tantas outras mulheres negras. O trabalho parte de uma afirmação do papel essencial que a escrita de mulheres negras desempenham na criação, preservação e compartilhamento de memórias e identidades. A partir da análise do gesto de fabulação crítica de Jarid Arraes, o estudo evidencia a relevância do romance, na medida em que ele cria e celebra as raízes afro-brasileiras fundamentais para a construção de nossa nação. São analisadas três personagens da obra: Iansã, Bayô e Dandara. A orixá Iansã traz consigo a maternidade e elementos da história da orixá que constituem a sua personagem. Bayô, por sua vez, enriquece a narrativa com seu zelo e amor por Dandara, além de compartilhar sua expertise na culinária e no conhecimento das ervas. Dandara é retratada como uma guerreira que busca incessantemente pela sua liberdade e dos que estão ao seu entorno. É por meio dessas representações literárias que é possível traçar uma geografia crítica do passado com o propósito de moldar o presente. Desta forma, utilizaremos de base para essa análise estudos como de Carneiro (1958), Evaristo (2010), Hartman (2008), Kilomba (2019), Lopes (2005), Nascimento (1980), Prandi (2003) e Siqueira (1985).

Palavras-chaves: literatura negro-brasileira, Jarid Arraes, fabulação crítica, quilombo dos Palmares, Dandara.

ABSTRACT

The objective of this study consists of analyzing the representations of black women present in the book entitled *As Lendas de Dandara* (2015), which was written by Jarid Arraes. The approach contemplates the perspective of the book as a form of transgression against a historiography that silences the history of Dandara, leader of the quilombo dos palmares, and many other black women, through the performance of the fabulation gesture. The paper begins with an assertion of the essential role that the writing of black women plays in the creation, preservation, and sharing of memories and identities. After this contextualization in the literary field, the study is directed towards Jarid Arraes's experiences and her relationship with the construction of *As Lendas de Dandara*. This is a relevant novel because it rescues and celebrates the afro-brazilian roots that played a fundamental role in the construction of the nation. Next, following this retrieval of roots, an in-depth analysis of three black characters is conducted: Iansã, Bayô and Dandara. Iansã, the orisha, brings with her motherhood and elements of the orisha's history that intertwine with her character. Bayô, on the other hand, enriches the narrative with her care and love for Dandara, as well as sharing her expertise in cooking and knowledge of herbs. Dandara is portrayed as a warrior who tirelessly seeks her own freedom and that of those around her. It is through these literary representations that a critical geography of the past can be traced with the purpose of shaping the present. For this analysis, we will draw upon studies by authors such as Carneiro (1958), Evaristo (2010), Hartman (2008), Kilomba (2019), Lopes (2005), Nascimento (1980), Prandi (2003), and Siqueira (1985).

Keywords: brazilian black literature, Jarid Arraes, critical fabulations, quilombo dos Palmares, Dandara.

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	09
1. TRAÇANDO NARRATIVAS: A AUTORIA NEGRA FEMININA NA LITERATURA NORDESTINA	12
2. A TRAJETÓRIA POÉTICA DE JARID ARRAES E A CONSTRUÇÃO DE <i>AS LENDAS DE DANDARA</i>.....	17
3. ENTRELAÇANDO NARRATIVAS: AS MULHERES NEGRAS NO ENREDO DE AS LENDAS DE DANDARA.....	22
3.1 A personificação da orixá Iansã e suas características presentes na construção da narrativa	23
3.2 Bayô em harmonia com a terra: sua ligação com as ervas medicinais e os saberes da cura.....	27
3.3 Dandara entre fabulação e a história da sua força, luta e legado.....	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41
REFERÊNCIAS.....	43

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Quando descobri o livro *As lendas de Dandara*, escrito por Jarid Arraes, o mundo estava à beira do início da pandemia de covid-19. Encontrei-o durante uma pesquisa sobre narrativas que destacam as histórias de mulheres quilombolas notáveis na história do Brasil, pois estava planejando uma sequência didática para abordar a história e os aspectos dos quilombos em nosso território. Assim, deparei-me com ele, entre poucas opções disponíveis. Foi um acalanto para minha alma, em meio ao caos daquele momento, quando ninguém sabia ao certo o que estava acontecendo no mundo, um período de incerteza em que a esperança parecia escorrer pelos vãos do dia a dia. A representação das personagens no livro evocava memórias de três mulheres negras que desempenharam papéis tão significativos na minha formação, sendo elas a minha mãe, a minha tia e a minha avó. Em um período em que todos temiam a possibilidade de perder aqueles que amam, encontrar um traço delas nas personagens me proporcionou um conforto especial.

Nas personagens Iansã e Bayô, reconheço traços da minha tia e da minha mãe, que cuidaram de mim e me moldaram como uma mulher consciente das alegrias e desafios da vida. Elas costumavam preparar banhos com ervas para me curar das mazelas da vida e frequentemente tentavam me ensinar a cozinhar. Na força e na luta de Dandara, vejo um reflexo da minha avó Noemia, que, apesar das limitações, criou com firmeza e determinação seus 11 filhos. Além de seu compromisso com a família, minha avó também atuou como professora. Foi em uma modesta sala de aula que ela estabeleceu a primeira escola no bairro de Muçumagro, atualmente conhecida como Domingos José da Paixão. Além disso, minha avó desempenhou um papel fundamental ajudando na construção da escola quilombola de Paratibe, juntamente com a professora Antônia de Socorro Machado, que hoje em dia leva o nome da escola.

Durante grande parte da minha jornada como leitora, muitas vezes guiada pelas leituras escolares e os livros intitulados de paradidáticos ou romances famosos, existiu uma lacuna nas narrativas. Raramente os livros lidos refletiam as vivências compartilhadas e contadas por minha família, composta por três mulheres negras. Só fui encontrar e aprender sobre a literatura negra brasileira, sobretudo a produzida por mulheres, ao entrar no segundo período do curso de letras, quando conheci Conceição Evaristo e o conceito de Escrivivências. Ela foi a porta de entrada para conhecer mais autoras negras como a Miriam Alves, Carolina Maria de Jesus, Jarid Arraes, Cidinha da Silva, Maria Firminina, Ana Maria

Gonçalves e entre tantas outras que carrego no meu coração e na minha forma de ver o mundo.

Encontrar a minha família e me apoiar por meio de narrativas desempenhou um papel vital em minha vida, especialmente nos momentos em que estava distante dela. A capacidade de me identificar com histórias e experiências semelhantes à minha foi uma fonte de força que contribuiu significativamente para minha resiliência e bem-estar. Em situações em que a solidão parecia esmagadora, a conexão com as narrativas familiares me permitiu não apenas sobreviver, mas também me encontrar.

Elaborar minha dissertação com base em um livro que evocou sentimentos positivos foi um passo fundamental em minha jornada. O livro não apenas me proporcionou um prazer pessoal significativo, mas também desempenhou um papel vital em minha capacidade de avançar até esta etapa. As emoções e a inspiração que extraí da narrativa se traduziram em motivação e resiliência ao longo do processo de pesquisa e escrita. Isso demonstra como a literatura e a conexão emocional com uma obra podem ter um impacto concreto em nossas vidas, ajudando-nos a atingir nossos objetivos acadêmicos e pessoais.

Nessa esteira, este estudo emerge da vontade de aprofundar a compreensão e analisar com mais detalhes a representação das personagens que estão presentes na obra, bem como suas conexões com a cultura afro-brasileira e o quilombo, além disso, também pretendo abordar um pouco a respeito da construção da obra, assim como abordar a trajetória da escritora Jarid Arraes, que inscreve consigo a escrita das mulheres negras do Nordeste.

Desse modo, no capítulo *Traçando narrativas: a escrita de mulheres negras nordestinas* são abordadas os desafios enfrentados por mulheres que percorrem uma trajetória literária, incluindo preconceito, invisibilidade, silenciamento e a batalha constante pelo reconhecimento como autoras legítimas. Apesar desses desafios e do tratamento marginalizado que persiste na sociedade, o texto observa que as mulheres negras têm emergido com força na literatura brasileira recente, conquistando espaços significativos e oferecendo uma contribuição única para a literatura, história e cultura do país.

No segundo capítulo, *A trajetória poética de Jarid Arraes e a construção de As Lendas de Dandara*, apresento um pouco da vida da escritora e suas influências, como a do avô que foi fundamental em sua vida para a utilização da escrita como uma ferramenta de resistência, especialmente abordando questões raciais e de gênero. A construção da obra é mencionada como um marco na carreira de Jarid Arraes, sendo sua primeira prosa publicada. O texto explora o significado por trás do título e como o romance núcleo desta pesquisa aborda a

história de Dandara dos Palmares de forma criativa, desconstruindo a ideia de que ela era apenas uma lenda. No terceiro capítulo intitulado de *Entrelaçando narrativas: as mulheres no enredo de as lendas de dandara*, são analisadas Iansã, Bayô e Dandara, a partir de três subtópicos, uma para cada personagem. São três mulheres negras que, parafraseando uma parte do cordel *Dandara dos Palmares*, de Jarid Arraes, existem nessa narrativa para rejeitar a rendição, o ato de ser vencido, de ser colocado em um não-lugar na sociedade como uma condição humana.

Na análise da personagem Iansã, vou desenvolver sua representação como orixá, discutindo suas características e a relevância dessa narrativa para a representação do candomblé para a literatura. No caso de Bayô, a análise se concentra em seu nome e sua ligação profunda com o território quilombola de Palmares, indo além da simples busca por sobrevivência, revelando uma conexão intrínseca com a terra, manifestada por meio do conhecimento das ervas e da habilidade na preparação de alimentos. Por último, nossa pesquisa se volta para a personagem protagonista Dandara, cuja análise aborda sua trajetória e seu papel de liderança no Quilombo dos Palmares, bem como sua incansável luta contra o sistema escravagista. Em suma, pretende-se a partir dessas representações literárias traçar não somente as heranças africanas que contribuíram para a formação do nosso território, como também reelaborar uma história crítica do passado com o propósito de moldar o presente.

1. TRAÇANDO NARRATIVAS: A ESCRITA DE MULHERES NEGRAS DO NORDESTE

A jornada das mulheres na carreira literária é fortemente caracterizada por preconceito, invisibilidade, silenciamento, resistência e uma constante batalha em busca de reconhecimento dentro das instituições literárias do país, com o objetivo de serem reconhecidas como autoras. Segundo Silva (2021), na sua dissertação de mestrado intitulada “Mulheres na Literatura: Escritas de Autoria Feminina Negra”, até meados do século XX, a crítica literária adotava uma abordagem diferenciada ao analisar obras escritas por mulheres. Implicitamente, atribuía um status inferior à escrita feminina e à mulher como autora. Isso era evidente na relutância em avaliar tais textos, muitas vezes acompanhada de um certo desconforto. A crítica frequentemente insistia que as escritoras deveriam adotar formas literárias consideradas mais "adequadas" à "sensibilidade feminina", como os romances sentimentais e/ou de confissão psicológica.

Além disso, era comum a surpresa ao notar que as representações masculinas em certos textos escritos por mulheres não aderiram ao estereótipo do homem 'forte', 'viril' e 'superior' tão característico das obras de autores masculinos. Outro aspecto marcante da crítica literária hegemônica sobre a produção de mulheres negras, segundo a autora, era sua tendência a apontar que as mulheres tinham uma propensão para confundir suas vidas pessoais com a literatura. Desta forma, elas eram vistas como incapazes de se abstrair de suas experiências pessoais para criar e mergulhar no ponto de vista, na psicologia, na experiência e na linguagem de seus personagens, narradores e eu-líricos, produzindo assim textos de relevância e valor literário. Essa abordagem crítica masculina reduzia as escritoras a uma única unidade e identidade, limitando-as ao ponto de vista feminino e desconsiderando completamente sua individualidade e subjetividade.

Com base em investigações lideradas pela professora doutora em teoria literária, graduada pela Universidade Estadual de Campinas, Regina Dalcastagnè, foram analisados no ano de 2004 um conjunto de 258 romances, que englobam todas as primeiras edições de obras de autores brasileiros, publicadas pelas três editoras consideradas de maior prestígio no país. Essas editoras foram identificadas com base em um levantamento conduzido em colaboração com acadêmicos, críticos literários e escritores, e incluem a Companhia das Letras, a Record e a Rocco. Os resultados dessa análise revelaram que no período de 1990 a 2004, havia uma presença notavelmente reduzida de autoras mulheres na cena literária, representando apenas 27,3% do total, enquanto os escritores masculinos dominavam com 72,7%. Além disso, é

importante ressaltar que 93,9% desses escritores masculinos eram brancos. Adicionalmente, é evidente que essa maioria de homens brancos estava concentrada principalmente nas regiões de São Paulo e Rio de Janeiro (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 94-95).

Se já é notável a reduzida representatividade feminina no cenário literário, essa realidade se amplifica consideravelmente quando abordamos a autoria feminina negra, devido ao histórico de apagamento sistemático que essas mulheres enfrentaram ao longo da história. A produção literária de mulheres negras no Brasil possui raízes antigas, com destaque para figuras como Maria Firmina, uma voz de resistência no contexto maranhense do século XIX, marcado pela sociedade paternalista e escravocrata. Embora Maria Firmina tenha sido uma figura atuante na imprensa local, seu livro *Úrsula*, o primeiro romance publicado no Brasil (1859), acabou caindo no esquecimento. O livro só foi redescoberto em 1962, quando uma cópia foi encontrada em um sebo no Rio de Janeiro. Esse exemplo ilustra de forma contundente como as contribuições literárias das mulheres negras muitas vezes foram negligenciadas e apagadas da história literária do Brasil.

Apesar das inúmeras barreiras e do tratamento marginalizante que persiste em nossa sociedade, principalmente no meio das editoras hegemônicas, como consta na pesquisa liderada por Regina Dalgastagnè, às mulheres negras têm emergido com uma força notável na literatura brasileira recente, conquistando espaços significativos, principalmente por meio de editoras que privilegiam e dão destaque à escrita dessas mulheres. Editoras como Malê, Pallas, Mazza, Nandyala e entre outras têm como objetivo justamente promover a maior visibilidade de autores e autoras negros contemporâneos de todas as partes do Brasil, além de facilitar o acesso a suas obras. Isso contribui de forma única e fundamental para o cânone literário e a cultura brasileira, que, por muito tempo, foram moldados de maneira profunda pelo patriarcado, racismo e etnocentrismo.

Em seu texto “Literatura negra: uma voz quilombola na literatura brasileira”, Conceição Evaristo (2010) aponta que em alguns povos, especialmente aquelas que sofreram processos coloniais, a literatura desempenha um papel fundamental na criação, preservação e compartilhamento de memórias e identidade. Ela atua como um meio de transgressão ao introduzir novos eventos e interpretações em uma narrativa histórica que, anteriormente, era dominada pela perspectiva do colonizador. Além disso, a literatura desafia as normas estéticas impostas pelo colonizador ao optar por uma estética que difere daquela apresentada por ele. Segundo Evaristo: “Viver a poesia em tais circunstâncias, de certa forma, é assegurar o direito

à fala, pois pela criação poética pode-se ocupar um lugar vazio apresentando uma contrafala ao discurso oficial, ao discurso do poder.” (EVARISTO, 2010, p. 134).

No mesmo texto de Conceição Evaristo (2010), é abordada a questão da definição de uma literatura negra, que não se limita à etnia ou à origem do escritor, mas está intrinsecamente relacionada à forma como ele incorpora em sua escrita a experiência e a jornada de ser um escritor negro. É importante reconhecer que a vivência negra em uma sociedade moldada por valores brancos é uma experiência pessoal e única, que não pode ser transferida para outrem. Quando o escritor assume um compromisso entre sua criação literária e essa vivência pessoal singular, expressando-a em sua escrita, ele marca ideologicamente seu espaço, sua presença e sua escolha por uma narrativa afirmativa. É isso o que constatamos ao ler:

Quando falamos de sujeito na literatura negra, não estamos falando de um sujeito particular, de um sujeito construído segundo uma visão romântico-burguesa, mas de um sujeito que está abraçado ao coletivo. O sujeito da literatura negra tem a sua existência marcada por sua relação, e por sua cumplicidade com outros sujeitos. Temos um sujeito que, ao falar de si, fala dos outros e, ao falar dos outros, fala de si. (ORLANDI, 1988). A voz do poeta não é uma fala única, solitária, mas a ressonância de vozes plurais. Realiza a fusão Eu/Nós, apresentando uma das características da literatura menor, apontada por Deleuze e Guattari: “*Tudo adquire um valor coletivo*” (EVARISTO, 2010, p.136).

Na literatura produzida por mulheres negras, é possível perceber que os corpos são retratados como entidades em constante movimento, tanto de dentro para fora quanto de fora para dentro, carregando consigo inúmeras cicatrizes. Essas marcas nem sempre são de origem pessoal, mas muitas vezes são heranças daqueles que vieram antes delas. Essas marcas são retratadas na narrativa como algo que deve ser revelado, pois são essenciais para lembrar o que aconteceu e quem foi responsável por essas cicatrizes.

De acordo com Dalcastagnè (2012), a literatura contemporânea se apoia em uma multiplicidade de discursos provenientes de outras obras e períodos literários, assim como da própria sociedade em que é concebida. Isso significa que a autora contemporânea incorpora em sua escrita todos os elementos distintivos do ambiente em que está inserida, utilizando-os como veículo para que as personagens contemporâneas possam expressar tanto suas identidades quanto as particularidades do lugar em que residem.

A Calile de Mercês, poeta, escritora e pesquisadora de literatura, em seu trabalho de doutorado intitulado *Movimentos e (re)mapeamentos de mulheres negras na literatura brasileira contemporânea*, traz questões sobre as mulheres negras que escrevem, compartilham suas pesquisas e pensamentos e que vêm reivindicando espaço e expondo seus

pontos de vista há muito tempo. No seu texto, especificamente no capítulo *(Re)mapeamentos de escritoras negras*, a autora discute como, em um determinado momento, percebeu que tinha conhecimento limitado sobre autoras negras, embora estivesse mais familiarizada com nomes e obras de escritoras negras da região sudeste e até mesmo de outros países. Ela, assim, reconheceu que desconhecia as autoras da região nordeste e do seu próprio estado de nascimento, no caso, a Bahia. A partir dessa constatação, compreendeu que, para além das falhas na cadeia de produção do livro, como problemas relacionados à difusão, circulação e distribuição, havia um processo de curadoria que determinava o que deveria ser considerado legítimo. Isso era especialmente notável quando se tratava do grupo que era numericamente maior, mas tinha menor representatividade. Essa curadoria, em grande parte, seguia uma norma associada à geopolítica colonial, privilegiando características como cis, branca, heterossexual, sul-sudeste, grandes cidades e titulações. Essa seleção era realizada por diferentes frentes, incluindo a crítica literária, políticas públicas, academias, festas e feiras literárias, instituições culturais, editais de fomento à cultura, editoras e pesquisas acadêmicas (MERCÊS, 2020, p.160).

É dessa perspectiva que Mercês (2020) desenvolve a ideia de (re)mapear e criar possibilidades de ampliar perspectivas, conhecer mais escritas negras, e dialogar com mulheres negras leitoras, pesquisadoras e escritoras acerca de suas compreensões sobre escritas, processos criativos e comunidades negras. A partir disso o projeto Escritoras Negras da Bahia nasce não apenas da inquietude individual, mas também coletiva, que se acumulou ao longo de muitos anos. Foram levantadas indagações como:

Por que não me apresentaram nenhuma personagem como minha avó, mãe, irmã, primas/os, pai, tias/os nas narrativas infanto-juvenis? Por que pessoas que eram tão familiares nas descrições físicas quando estavam nas histórias eram sempre vilãs, pobres, servis, figurantes, falavam pouco, falavam “errado”, ou não falavam? Por que as/os escritoras/es que ilustravam textos que aprendi na escola eram brancas/os? Quando pensa imediatamente em uma/um escritora/escritor brasileira/o, ou até mesmo baiana/o, saberia mencionar uma mulher negra (considerando que a maior parte da população brasileira e da Bahia são compostas por pessoas negras)? (MERCÊS, 2020, p. 159).

Todas essas indagações, com respostas que frequentemente revelam a invisibilidade das pessoas negras e nordestinas em espaços de legitimação, bem como o incômodo e a indignação que isso gera, são fundamentais para questionarmos aspectos da cadeia de produção de livros e literatura que continuam a ignorar questões estruturais e sistêmicas da sociedade. É a partir dessas reflexões e do desejo de transformar o sistema que surgem artistas

como Jarid Arraes. Elas reivindicam espaços que historicamente nos pertencem e têm um impacto significativo em nossa construção social, promovendo uma conscientização que abrange tanto o indivíduo quanto o coletivo. Nesse contexto, a escrita é percebida como um ato profundamente político, uma forma de redefinir e desafiar as normas impostas por aqueles que tradicionalmente determinaram quais espaços são apropriados e escolhidos.

2. A TREJETÓRIA POÉTICA DE JARID ARRAES E A CONSTRUÇÃO DE *AS LENDAS DE DANDARA*

Jarid Arraes é uma mulher negra e nordestina nascida em Juazeiro do Norte, na região do Cariri (CE), em 12 de fevereiro de 1991. Ela é escritora e cordelista, autora dos livros: *As Lendas de Dandara* (2015), *Heroínas negras brasileiras* (2017), *Um buraco com meu nome* (2018), *Redemoinho em dia quente* (2019) e *Corpo desfeito* (2022), além desses livros, possui mais de sessenta títulos publicados em Cordel. Arraes atualmente vive em São Paulo, onde montou o “Clube de Escrita para Mulheres”, segundo ela, em sua coluna na revista ELLE (2023), a necessidade de criar esse clube de escrita surgiu a partir do machismo no mercado editorial, em que pouquíssimas mulheres eram publicadas, sendo, na maioria das vezes, escritoras internacionais. Desta forma, o clube serviria de suporte mútuo, tornando a luta por espaço mais coletiva e menos angustiante de ser vivida sozinha.

Mesmo com sua ida para São Paulo, nunca deixou de escrever seus cordéis, os quais começou muito antes da prosa. Desde a infância, a autora esteve profundamente imersa na literatura de cordel, principalmente devido à influência do seu avô, Abraão Batista, um multifacetado artista, que atuou como poeta, xilógrafo, escultor, ceramista, gravador e professor, sendo um dos co-fundadores da Academia Brasileira de Literatura de Cordel no Rio de Janeiro. Desta forma, para Arraes, estar inserida no mundo do cordel é um ato de resistência, ainda mais inserindo temáticas raciais e de gênero. Em suas escritas, ela abraça temas cruciais como autodefinição, autoestima e autovalorização, promovendo as mesmas bandeiras defendidas pelo movimento feminista negro. Arraes considera isso sua missão: transformar o cordel em não apenas um valioso documento para a promoção da cultura afro-brasileira, mas também em uma ferramenta essencial para o ensino em lares e escolas.

A Arraes, em uma entrevista concedida ao Correio Braziliense (2019), detalha o desenvolvimento de sua vocação literária. Segundo ela, desde sua juventude, era nutrido o desejo de uma carreira na escrita, embora, em seu início, não tivesse uma compreensão sólida de que essa aspiração poderia ser considerada uma profissão legítima. Ao longo de sua jornada literária, sua trajetória se desdobrou de forma quase predestinada, como se fosse um destino inevitável. Inicialmente, sua incursão no mundo da escrita se deu por meio de um blog dedicado ao feminismo. Posteriormente, ela recebeu um convite para colaborar com a Revista Fórum. Apenas quando começou a criar cordéis que a autora repentinamente tomou

consciência de que sempre almejou ser escritora e, agora, de fato, se considera uma escritora. Esse momento representou uma realização surpreendente em sua carreira literária.

Foi através dessa prática da escrita, que Arraes se reconheceu enquanto mulher negra e feminista. Utilizando a rima e a cultura popular como ferramentas, ela conseguiu abordar questões ainda consideradas tabus, como o racismo, a homossexualidade e a violência contra as mulheres. Como filha e neta de cordelistas, Jarid Arraes mantém viva a tradição que permeou sua infância, conferindo ao cordel uma perspectiva menos tradicional e mais engajada, centrada na luta política e social.

De acordo com sua coluna, essa conquista individual não simboliza o fim da sua luta, um princípio que se aplica a todas as áreas nas quais as mulheres continuam a batalhar por reconhecimento. Embora seja gratificante e transformador ver o reconhecimento e premiação de seu trabalho criativo, a autora logo percebeu que essa experiência se torna ainda mais significativa e impactante quando sua plataforma é utilizada para destacar o trabalho de outras escritoras. Isso pode ocorrer através de recomendações de suas obras como leituras essenciais, sugestões de seus nomes para eventos, antologias e outras oportunidades de trabalho, e até mesmo por meio de uma simples postagem em uma rede social. Essas ações podem fazer toda a diferença para escritoras que estão iniciando suas carreiras ou que, apesar de escreverem há bastante tempo, ainda enfrentam diversos obstáculos.

Além das colunas que a Jarid Arraes escreve, ELLA, Folha de São Paulo e Quatro cinco um, ela também tem o próprio site de divulgação dos seus trabalhos, o jaridarraes.com, nele consta sinopses de cada uma das suas obras. Para *As lendas de Dandara*, tem-se o seguinte texto¹:

Na sociedade do período do açúcar, a casa-grande era a residência do senhor de engenho. Seu conforto contrastava de modo gritante com a miséria e as péssimas condições de higiene das senzalas, onde moravam os escravos. O tratamento dado a eles era cruel, envolvendo castigos sangrentos, ataques sexuais e dolorosas explorações físicas e mentais. Afinal, eles não passavam de semoventes – criaturas que se moviam por si, como os cavalos, as vacas e os cachorros da fazenda. E que podiam ser vendidos, trocados, emprestados ou doados, como qualquer outro animal na posse do senhor branco. É contra essa estrutura odiosa que se ergue dandara dos palmares, guerreira e companheira de zumbi, que luta à frente das formações de palmarinos dispostos a reconquistar a liberdade de a dignidade para si e para seus irmãos escravizados. As lendas de dandara é um romance apaixonado e apaixonante, que conquista o leitor desde a primeira página e ajuda a preencher lacunas de uma história do Brasil que nunca foi bem contada.

¹ Esse texto está presente no site: jaridarraes.com. Acesso em: setembro de 2023.

Durante uma entrevista concedida ao periódico "Rascunho" (2020), foi indagada a relevância do referido livro para a carreira literária de Jarid e qual foi a recepção que a obra obteve no seu lançamento. Segundo ela, "As Lendas de Dandara" foi seu primeiro livro publicado, representando também a sua primeira incursão na prosa literária. À época da escrita, a autora não tinha a previsão de que esta obra seria destinada a um público de "todas as idades". A sua inexperiência na elaboração de livros, embora já possuísse um histórico bem-sucedido na literatura de cordel, a conduziu a um terreno completamente desconhecido. Isso demandou da autora a aquisição de um novo conjunto de habilidades que hoje sustentam a sua carreira como escritora. Além disso, esse livro foi um marco na sua aprendizagem sobre a utilização das redes sociais para promover o seu trabalho independente. É digno de nota que a obra se esgotou em apenas alguns meses, sendo vendida de forma exclusiva no próprio site da Arraes. Posteriormente, após a sua inclusão no catálogo de uma editora e o lançamento de outros títulos, o livro continuou, segundo ela, a exercer um papel relevante na sua trajetória, tendo também sido publicado na França.

Desta forma, *Las Lendas de Dandara* representou a estreia da autora no cenário internacional, tendo sido traduzido para o francês e lançado em várias cidades da França. Ademais, a obra está prestes a ser adaptada para a televisão. Desde então, o livro foi objeto de múltiplas reimpressões e demonstrou uma notável capacidade de encontrar o seu público. Embora o estilo de escrita presente na obra seja distinto do atual estilo da autora, ela acredita que o tom lendário do livro cumpre integralmente a proposta da narrativa. Em retrospecto, a autora considera que tudo ocorreu de acordo com um plano predestinado, embora reconheça que tal concepção não seja realista, a singularidade do percurso da obra é notável.

Conforme mencionado anteriormente, a primeira edição de *As lendas de Dandara* foi lançada de maneira independente no ano de 2015, contando com o apoio de diversos indivíduos que adquiriram exemplares, esgotando rapidamente. Segundo a autora, a gênese do texto remonta a um artigo datado de 2014, o qual foi escrito para sua coluna denominada "Questão de Gênero" no site da revista Fórum. O referido artigo foi concebido por ocasião da proximidade do Dia da Consciência Negra e ostentava o título "E Dandara dos Palmares, vocês sabem quem foi?". Sua publicação teve como intuito questionar e denunciar manifestações de machismo e racismo. Segundo ela, no site Afreka (s/d):

Quando ouvi falar de Dandara, quis dividir esse conhecimento com outras pessoas; depois de alguns meses, publiquei na revista Fórum o texto "E Dandara dos Palmares, você sabe quem foi?" e recebi muitos comentários que questionavam a

real existência da guerreira. Em alguns, diziam que Dandara não era nada mais do que uma lenda. Então decidi criar As Lendas de Dandara, pois se nem mesmo lendas nós encontrávamos a seu respeito. Agora nós temos!

A partir dessa declaração, torna-se evidente a razão por trás do título do livro. Jarid Arraes adentra o diálogo perpetuado por uma parcela da sociedade e aborda a temática da lenda de maneira criativa. Ela mesma esclarece essa abordagem no início da obra ao afirmar: "Se Dandara é uma lenda, alguém precisa escrever suas lendas" (ARRAES, 2015, p. 8). O termo "lenda", conforme definido pelo E-Dicionário de Termos Literários², possui raízes na palavra "legenda", do latim medieval, que originalmente se referia a "coisas que devem ser lidas", sendo inicialmente associado às hagiografias. Com o tempo, essa terminologia adquiriu novos significados, culminando na sua conceituação como uma narrativa, seja oral ou escrita, que descreve eventos extraordinários apresentados de forma a parecerem verídicos. Com frequência, essas narrativas fazem alusões a indivíduos reais ou a eventos históricos. A abordagem dada a uma narrativa lendária pode variar entre uma perspectiva histórica e uma mítica, dependendo da liberdade do narrador em corroborar eventos historicamente aceitos ou em divergir do conhecimento estabelecido pelos historiadores. No enredo de Arraes, é possível perceber uma variação entre as duas abordagens, a partir das personagens Dandara, Bayô e Iansã.

No que diz respeito à ambientação da história no Quilombo dos Palmares, podemos incorporar o texto da Conceição Evaristo (2010), em que nos apresenta o conceito de "quilombismo" proposto por Abdias Nascimento, em 1980. A partir do modelo de organização inspirado nos quilombos, Nascimento desenvolve uma espécie de "práxis afro-brasileira" que se manifesta em várias formas de organização coletiva negra. Originada nos quilombos como centros de resistência à escravidão, essa práxis é discernível ao longo da história dos afro-brasileiros, nos diversos "núcleos de resistência física e cultural," como irmandades religiosas, clubes, terreiros, escolas de samba, entre outros, desempenhando um "papel crucial na perpetuação da herança africana" (NASCIMENTO, 1980, p. 255).

Evaristo ressalta a presença de uma mística quilombola latente ou evidente, que atua como uma forma de defesa e afirmação da identidade negra na sociedade brasileira. Um exemplo disso é a adoção do nome "Quilombo" ou "Palmares" por diversas organizações negras no passado e no presente, indicando a importância da "ação quilombola como um modelo de organização social entre os afro-brasileiros" (EVARISTO, 2010, p. 138). Para

² Site: <https://edtl.fcsh.unl.pt/>. Acesso em: Setembro de 2023.

Nascimento (1980, p. 255-256), o quilombismo tem o poder de mobilizar as massas negras devido ao seu profundo apelo psicossocial, enraizado na história, na cultura e na vivência dos afro-brasileiros. Há uma "ideia-força" proveniente do modelo quilombista que inspira uma "reafirmção" do quilombismo nas manifestações afro-brasileiras. No entanto, esse "ideal forte e sólido [...] muitas vezes é reprimido pelas estruturas dominantes", podendo até passar por um "processo de sublimação por meio dos mecanismos de defesa do inconsciente individual ou coletivo", conforme observado pelo estudioso e líder político afro-brasileiro.

Desta forma, o livro *As lendas de Dandara* traz consigo a essência do quilombismo, já que envolve a representação e a celebração da cultura, da resistência e da identidade negro-brasileira no quilombo. Com um narrador em terceira pessoa e onisciente, a história começa no céu, onde os orixás testemunham a brutalidade dos brancos contra seus filhos, gerando a necessidade de restaurar o equilíbrio. Iansã, insatisfeita com o destino de seus filhos, propõe a criação de uma guerreira para libertá-los. Os orixás concordam, e assim nasce Dandara, que é colocada no caminho de Bayô, uma fugitiva da escravidão.

Junto com Bayô, que a ensina sobre as propriedades das ervas e a culinária, Dandara cresceu ansiando por maior liberdade e desenvolveu notáveis habilidades em estratégia e combate. Ela se torna uma líder no quilombo, inspirando outros, incluindo Zumbi, a se unirem na luta. Dandara desafia senhores de fazenda, resgata escravizados e desempenha um papel fundamental no fim da escravidão no Brasil, cumprindo sua missão e trazendo alegria aos orixás.

3. ENTRELAÇANDO NARRATIVAS: AS MULHERES NEGRAS NO ENREDO DE *AS LENDAS DE DANDARA*

A narrativa enuncia e entrelaça feitos heroicos de três mulheres fortes ligadas ao quilombo de Palmares: Iansã, Bayô e Dandara. Através da reinterpretação e a reescrita de eventos históricos, essas mulheres oferecem uma resposta à população brasileira. Elas são as responsáveis por efetivamente conduzir as ações no seio da obra literária, resultando, consequentemente, na vivência dos efeitos decorrentes dos eventos da trama.

Iansã desempenha uma personagem onipresente, que rege e organiza toda história. Mesmo que suas aparições explícitas sejam limitadas, é ela quem guia o tempo todo Dandara e, inclusive, a antecede e segue existindo após a sua morte. No início do livro, junto com os outros orixás, Iansã se inquieta com a chegada de africanos ao Brasil para serem escravizados, e é nesse contexto que ela dá origem a Dandara, a quem considera sua filha. Outro momento em que ela está presente é no meio da trama, quando Iansã revela a Dandara suas raízes e oferece consolo a Bayô. Além desses momentos, em toda narrativa sonhos são enviados por ela para guiar Dandara na sua jornada. Ao longo de todas essas passagens, Iansã mantém uma consistência notável em seu comportamento e crenças, permanecendo como uma personagem estável ao longo do romance, sendo assim classificada como uma personagem plana.

Bayô mantém a mesma estabilidade nos seus traços, confirmando seu status como uma personagem plana. Ela desempenha um papel vital ao encontrar Dandara na mata e adotá-la como uma filha de coração. Além disso, Bayô desempenha um papel importante ao transmitir conhecimentos a Dandara, ensinando-a a arte da culinária e o manuseio de ervas medicinais, compartilhando assim sua sabedoria e experiência com a jovem.

Por último, temos Dandara, a personagem principal do romance. Sua trajetória é delineada a partir do encontro com Iansã e Bayô. Por meio delas e das experiências compartilhadas, suas características e visão de mundo se desenvolvem. Um dos dilemas, que é explorado em sua história, é o seu desgosto inicial pelas tarefas que, de acordo com a narrativa, eram designadas às mulheres. No entanto, ao perceber a importância e a necessidade de todas essas funções dentro do quilombo, Dandara se transforma e torna-se uma personagem complexa e redonda. Além disso, a personagem é movida pelo ardente desejo de libertação e se identifica profundamente como uma guerreira determinada a lutar pela emancipação de seu povo. Essa convicção a impulsiona a enfrentar desafios e a se destacar como uma líder inspiradora no quilombo dos Palmares.

2.1 A personificação da orixá Iansã e suas características presentes na construção da narrativa

Logo no início do livro é contada a história de como os orixás sentiam a dor da África, que se encontrava em luto e tristeza profunda, pois sentia-se traída pela ausência de proteção dos orixás. Enquanto que os orixás se culpavam por não conseguirem devolver o equilíbrio à África e se perguntavam o que poderiam fazer para ajudar. É possível perceber isso a partir do seguinte trecho:

Os orixás sentiam sua dor. Preocupavam-se, tentando administrar o continente da melhor maneira possível, auxiliando seus filhos e movendo a natureza para mantê-la em harmonia. No entanto, percebiam que as coisas já não se mexiam como antigamente: os rios não corriam velozes e fortes, as plantas não cresciam vigorosas e os animais viviam como se fossem forçados a sobreviver; comiam quando precisavam, mas não cultivavam as relações entre os seus de sua espécie, tampouco se atentavam para a ética no trato com as outras raças e famílias de bichos. Por isso, os orixás se culpavam (ARRAES, 2015, p. 12).

Esse começo já nos leva para entre os anos de 1525 e 1851, em que segundo Reginaldo Prandi (2000), mais de cinco milhões de africanos foram trazidos ao Brasil na condição de escravizados. Este número, uma estimativa, não contempla aqueles que faleceram por conta da brutalidade do comércio de escravizados em solo africano, nem aqueles que perderam a vida durante a perigosa travessia oceânica. Com a presença dos africanos ao Brasil Colônia, as variadas crenças religiosas e cultos tradicionais das distintas comunidades étnicas começaram a se entrelaçar. Nesse processo, gradualmente se fundiram para, inicialmente, formar o que conhecemos como candomblé. De modo geral, pode-se afirmar que os candomblés representam religiões brasileiras que integram saberes de diversas manifestações espirituais originárias do continente africano durante a Diáspora Negra (BOTELHO E NASCIMENTO, 2011, p. 76).

Na dissertação de mestrado intitulada *"Agô Agô Lonan": Repensando a Identidade Negra nos Terreiros de Candomblé - Salvador-Bahia*, Maria de Lourdes Siqueira (1998) discute o candomblé da seguinte maneira:

Candomblé na Bahia, Xangô em Pernambuco, Tambor em Minas e Tereco no Maranhão são designações com que se identificam a existência da Religião dos Orixás na Bahia, principalmente, e dos Voduns (como são conhecidos no Maranhão, Haiti) e expressão religiosa dos negros aqui desembarcados no Brasil, na condição de escravos. A proveniência que mais interessa é o continente de onde vêm a África Negra nos sudaneses e Bantus - hoje aqui traduzidos na Bahia como Terreiros de

Candomblé pertencentes às nações de Ketu, Nago, Angola, Gêge, Igexá. Estes terreiros de Candomblé têm para nós o sentido de uma luta de resistência cultural, pela afirmação da identidade do negro no Brasil (SIQUEIRA, 1998, p. 34).

Com base nas explicações de Siqueira (1998), é importante destacar que há diversas variantes do candomblé, correspondentes a cada nação. Geralmente, o termo "nação" se relaciona com a origem étnica atribuída a cada grupo de escravizados africanos trazidos para o Brasil. É relevante salientar que essa terminologia também abarca o conjunto de rituais religiosos, incluindo cânticos, os batuques de tambores e atabaques, específicos de cada grupo étnico.

Segundo Verger (1997), quanto às divindades do panteão afro-brasileiro, elas podem ser chamadas de *orixás*, *voduns* ou *inquices*. *Orixá*, termo mais utilizado no Brasil vem do iorubá formado de *ori* (cabeça) e *ša* (guardião), tem o sentido de *guardião da cabeça*, uma espécie de anjo da guarda. Desta forma, a escolha de Jarid Arraes ao trazer os Orixás para narrativa se dá como uma escolha importante, levando em consideração toda a ligação que os Africanos têm com essas divindades que são protetoras e ancestrais de cada pessoa.

Uma dessas divindades é Iansã, que a partir do sincretismo religioso recebeu também o nome de Santa Bárbara. Segundo a enciclopédia brasileira da diáspora africana, escrito por Nei Lopes (2005), Iansã é:

Orixá feminino do panteão iorubano; esposa de Xangô. Segundo Verger (1981), do iorubá Ìyámésàn ("a mãe transformada em nove"), nome que Oyá* ganhou depois de, em uma luta, esquarterar Ogum em sete partes, sendo esquarterada em nove por ele. Segundo outros, proveniente da locução ìyá mésàn òrun, "senhora dos nove espaços do Orum (LOPES, 2005, p. 639).

No livro, Iansã reflete muito sobre a situação entre África e Brasil e visita as cenas, em que via milhares de filhos sendo levados à força em navios. Iansã observava as pessoas que desempenharam algum papel na história e a camada de ódio e desprezo presentes nos corações das pessoas brancas. Depois de compreender as causas da tragédia que se alastrava pela África e Brasil, Iansã compartilhou suas percepções com os outros orixás. Após uma revelação, Iansã decide criar uma guerreira forte e destemida para liderar a luta pela liberdade dos africanos. Conforme evidenciado no seguinte fragmento:

Não poderia usar as próprias armas e atos para mudar o curso da história de todos, mas podia criar uma mulher tão forte quanto ela; uma mulher que amasse seu povo e lutasse pela liberdade, tendo a espada como íntima companheira e extensão dos seus

braços; uma mulher de pulsão combativa, de furor rebelde. 'Uma filha do meu ser', imaginava e sorria. (ARRAES, 2015, p.16).

Com a ajuda de Xangô, Iansã dá vida a Dandara, uma menina dotada de grande força e espírito de luta, juntas elas viajam para o continente onde os filhos de África foram levados. A escolha de Iansã como a mãe de Dandara, não se deu por acaso. O nome Iansã significa mãe nove vezes, trazendo consigo essa questão da maternidade para a divindade. Segundo Reginaldo Prandi (2003), no livro *Mitologia dos Orixás*, Oiá, desejava ter filhos, mas era incapaz de conceber. Ela procurou ajuda de um babalaô, um sacerdote do Candomblé, que a aconselhou a fazer um ritual chamado "ebó". O babalaô a instruiu em oferecer um carneiro, um agutã, búzios e roupas coloridas como oferendas. Após realizar o sacrifício, Oiá teve nove filhos. As pessoas começaram a chamá-la de "Iansã", que significa "mãe nove vezes". Orgulhosa, ela vendia azeite-de-dendê no mercado. Em agradecimento pelo sucesso do ritual, Iansã (Oiá) parou de comer carneiro como sinal de respeito pelas bênçãos alcançadas (PRANDI, 2003, p. 294-295).

No texto *Educação e religiosidades afro-brasileiras: a experiência dos candomblés*, a Botelho e o Nascimento (2011) abordam que os praticantes dos candomblés atribuem um significado profundo à existência e à natureza humana, que está intrinsecamente ligado às narrativas míticas e às expressões que permeiam a unidade do ser no mundo. Os mitos servem como relatos das manifestações do sagrado na realidade terrena e narram histórias sacras que explicam a origem e o início de algo. Ao descrever as origens do universo, das criaturas e as relações entre os seres humanos e as divindades, bem como o equilíbrio dinâmico entre eles, cada mito relacionado a uma divindade confere significado ao mundo e estabelece um conjunto de valores e princípios que guiam aqueles que seguem essas divindades. (BOTELHO E NASCIMENTO, 2011, p. 76-77).

Além da questão materna, é possível perceber que outros elementos importantes na história da orixá Iansã estão presentes na narrativa de Jarid Arraes, como o vento, a chuva, os trovões e a espada, os quais trazem significados importantes, afinal, Iansã é considerada a divindade dos ventos e tempestades. No livro, eles aparecem tanto no momento do nascimento de Dandara, como na chuva que se dá na África para avisar esse momento importante, descrito a seguir:

À medida que convocava nuvens e **ventos** para compor sua criação, Iansã ordenava que uma **tempestade** se formasse. [...] De repente, **trovões**. Os sons da natureza ecoavam, redemoinhos de **vento** bailavam em círculos e espirais rosados, escuros e

perigosos. Da **espada** de Iansã, uma luz crescia e pulsava como a respiração de uma mulher em trabalho de parto, até que seu clímax foi atingido. Nos braços dela, estava, enfim, uma garotinha de olhos expressivos. [...] Em toda África, tempestades bradavam, anunciando o início de uma nova era e a abertura de novos caminhos (ARRAES, 2015, p. 16, grifos nossos).

Conforme Reginaldo Prandi (2003), na parte *Oiá sopra a forja de Ogum e cria o vento e a tempestade*, Iansã tem o papel de sopradora do fogo da forja e é associado ao vento forte que é saído dela, com sua ação que intensifica-se em tempestades. Como é evidente no fragmento a seguir:

Seu sopro cruzava os ares e arrastava consigo pó, folhas e tudo o mais pelo caminho, até chegar às chamas que com furor atiçava. E o povo se acostumou com o sopro de Oiá cruzando os ares e logo o chamou de vento.” (PRANDI, 2003, p. 303-304).

Na caracterização da relação entre Oiá e Dandara, outro ponto importante são os sonhos e sinais que Iansã envia para Dandara, para ajudá-la nas empreitadas no quilombo, destacado no seguinte trecho:

Iansã assistia o crescimento de sua filha e guiava seus caminhos com cuidado. Enviava-lhe sonhos, ideias mirabolantes e soluções inteligentes para os problemas do cotidiano; alimentava sua imaginação com cenários maravilhosos e batalhas épicas de onde Dandara saía triunfante, segurando nas mãos os grillhões de centenas de pessoas que por ela eram libertas (ARRAES, 2015, p. 46).

Os sonhos na religião do Candomblé, segundo o trabalho de mestrado *Os sonhos do candomblé*, de Leite Aguiar (2008), tem uma importância e simbologia para cada integrante da religião. Esses sonhos constituem instrumentos para a continuidade da lei do santo, representando mais uma maneira pela qual as entidades se manifestam. Algumas pessoas têm o hábito de sonhar com histórias épicas, enquanto outras experimentam imagens fugazes, por vezes estáticas como retratos. Independentemente de um sonho se apresentar como uma narrativa longa ou uma imagem estática, ele detém importância fundamental no contexto do Candomblé. Através desses sonhos, os orixás transmitem sua vontade e mensagens para o sonhador, para os outros e para a comunidade como um todo. (AGUIAR, 2008, p. 57).

No texto de Aguiar (2008), encontramos diversos exemplos provenientes de suas pesquisas com sonhos de indivíduos reais, em que são abordados como se desenrolou o procedimento de leitura e interpretação desses sonhos. A partir dos exemplos, é possível perceber que os sonhos desempenham um papel significativo na vida cotidiana do Candomblé e de seus adeptos, os filhos de santo. É essencial distinguir entre as mensagens dos orixás e os

sonhos comuns, que podem ser influenciados pelas preocupações pessoais, um processo que nem sempre é imediato. Nota-se que o uso do oráculo é uma prática comum para esclarecer ou confirmar o significado dos sonhos, e cabe ao guia espiritual determinar a maneira adequada de utilizá-lo.

Na narrativa, fica evidente que os sonhos ou sinais são enviados por Iansã, devido à conexão explícita entre a orixá e Dandara. Além dessa conexão especial, os sinais que Oyá envia estão intrinsecamente ligados a ela, como tempestades e chuvas. Essa associação pode ser percebida claramente na seguinte cena:

- Não vou ser uma dessas! – Esbravejou olhando para a mata atrás de si. – Estão ouvindo?! Jamais serei uma escrava! Um trovão explodiu de repente, concordando com as palavras de Dandara. Nuvens escuras começaram a se juntar, empurradas rapidamente por uma forte ventania, formando uma massa cinza e pesada que ameaçava cair do firmamento. Rompendo o céu com dezenas de riscos reluzentes, raios anunciavam o início de uma grande tempestade. “É um sinal”, Dandara compreendeu (ARRAES, 2015, p. 120).

Por último, é relevante ressaltar o poder de incluir uma orixá do panteão iorubá como personagem na trama. Ao incorporar essa possibilidade de interação e conexão entre seres humanos e orixás em um romance, estamos abrindo portas para uma literatura afrocêntrica que melhor espelha a nossa vivência. Esses deuses, que têm uma influência profunda na cultura brasileira e têm conquistado posições significativas na literatura, nos permitem transcender para uma narrativa mais rica em significado. Isso também nos possibilita alcançar um amplo público de leitores que ainda não tiveram a chance de conhecer a beleza e as lições que podem ser extraídas dos orixás e de seus mitos, que remontam a séculos. Essas histórias podem ser introduzidas de forma mais profunda em suas próprias realidades e nas bases essenciais de suas próprias culturas, enriquecendo assim a experiência literária e cultural de todos.

2.2 Bayô em harmonia com a terra: sua ligação com as ervas medicinais e os saberes da cura

Na narrativa, Bayô é uma personagem interessante por diversos motivos. Um dos primeiros motivos é o seu nome, que traz significado para a história. Segundo Jarid, na introdução do livro:

Quando pessoas negras foram trazidas de diversos países africanos para o Brasil, uma das formas de violência impostas a elas era a mudança de seus nomes

verdadeiros, trocados por nomes “cristãos”, como José, Luísa, entre outros, Além disso, os escravos recebiam os sobrenomes dos senhores que eram seus “donos”. Isso é algo que sempre me incomodou bastante - muitos dos meus amigos e conhecidos são de famílias com origem europeia e têm os seus sobrenomes preservados: eles sabem de onde vieram, quais eram os costumes de seus ancestrais, suas festas e tradições. Mas eu, que tenho pessoas de origem africana na minha árvore genealógica, não faço a menor ideia da origem dos meus ancestrais. Sei apenas que foram trazidos do continente africano de maneira cruel, bárbara e desumana (ARRAES, 2015, p. 9).

A imposição e a apropriação de nomes foram questões intrínsecas ao processo de escravização, começando desde o momento da captura em solo africano. Os africanos que foram forçados a migrar para a América não apenas foram tratados como objetos e transformados em mercadorias, mas também ficaram sujeitos ao poder e à lógica da burocracia que cercava o comércio de escravizados. O império português, durante seu domínio em parte do território africano, estabeleceu uma extensa estrutura burocrática para gerenciar seus negócios, incluindo a criação de registros documentais para identificar e controlar o fluxo de cativos em direção à colônia americana (PALMA E TUZZI, 2018, p. 314).

No entanto, é lamentável que poucos desses registros mencionam algo sobre os nomes utilizados pelos cativos antes de sua captura. Durante o aprisionamento, comércio e travessia pelo Atlântico, ocorreu um processo de negação e apagamento dos nomes originais dos africanos. Uma carta régia estabelecia que todos os escravizados capturados deveriam ser catequizados e batizados ainda em solo africano, pois a conversão ao cristianismo era um dos fundamentos usados para legitimar a escravidão nas monarquias ibéricas. No entanto, no momento do batismo, os escravizados recebiam apenas uma marca, inicialmente um bilhete e posteriormente uma cruz, feita com ferro quente, na pele do cativo, sem a imposição de um novo nome. Foi somente ao chegarem ao Brasil e serem batizados novamente por um padre que os escravizados recebiam um nome cristão (PALMA E TUZZI, 2018, p. 314).

Pina-Cabral e Viegas descreveram como uma ética dos nomes a "Rede de significados emocionais que está subjacente à construção da identidade individual das pessoas" (Pina Cabral e Viegas, 2007, p.13). Conforme apontado por esses estudiosos:

Quando chamam o nosso nome e nós respondemos, cada um de nós mostra que sabe diferenciar-se a si próprio face a qualquer outro ser humano. Ao mesmo tempo, esse nome liga-nos a muitas outras pessoas; ele insere cada um de nós numa rede complexa de pertenças sociais. Os nomes das pessoas, portanto, implicam dois tipos de alteridade: (i) a alteridade que podemos chamar de anterior: aquela que dá azo à

pessoa humana pelo simples fato desta última ser constituída por relação a seres humanos já previamente constituídos; (ii) a alteridade social e culturalmente instituída que estabelece posicionamentos preestabelecidos para os diferentes agentes sociais (Pina-Cabral, Viegas, 2007, p.14).

Ou seja, quando alguém chama o nosso nome e respondemos, estamos demonstrando nossa capacidade de nos distinguir como indivíduos únicos em relação a outros seres humanos. No entanto, os nomes também têm uma dimensão social, conectando-nos a diversas redes sociais, grupos e culturas. O conceito de "alteridade anterior", que sugere que nossos nomes são moldados pelas pessoas e relacionamentos que vieram antes de nós, influenciando nossa própria identidade. Além disso, os nomes carregam uma "alteridade social e culturalmente instituída", que podem refletir não apenas nossa individualidade, mas também as expectativas sociais e posições predefinidas em nossa sociedade.

Assim, o nome "Bayô", de origem na língua Yorubá, carrega consigo uma rica carga de significado que adiciona beleza à personagem. Em Yorubá, "Bayô" significa alegria, e para as comunidades africanas, estar em estado de alegria é muito mais do que uma simples emoção positiva; significa estar em harmonia com a terra, a música, a dança e a espiritualidade. Portanto, o nome "Bayô" não apenas acrescenta profundidade a personagem, mas também evoca uma conexão cultural e espiritual com as tradições africanas, destacando a importância desses elementos em sua identidade e vivência.

Na narrativa, outro ponto interessante sobre Bayô é sua forte afinidade com a culinária e o conhecimento das propriedades das ervas, como ilustrado no trecho a seguir:

Depois de ter preparado os alimentos na companhia de outras mulheres do quilombo, Bayô partiu em busca das ervas que só poderia encontrar na beira do rio. Precisava de um bom punhado delas para o preparo de chás curativos - em poucos dias, vários grupos do quilombo levariam mercadorias para trocar por armas com alguns comerciantes de um vilarejo próximo (ARRAES, 2015, p. 25).

A partir do livro *O quilombo dos palmares* (1958), escrito por Edson Carneiro, conhecido por seu envolvimento com as pesquisas sobre a cultura afro-brasileira, pode-se inferir que os documentos históricos antigos não fornecem detalhes específicos sobre a atividade econômica das mulheres, mas é provável que elas estivessem envolvidas na fabricação de roupas, usando cascas de árvores e peles de animais, como em Palmares, ou trabalhando com algodão, como na comunidade da Carlota. Além disso, elas também provavelmente produziam cestos, abanos e outros artefatos de trançado. É possível que

algumas mulheres também auxiliaram os oleiros na fabricação de potes e vasilhas de diversos tipos encontrados nos quilombos (CARNEIRO, 1958, p. 21-22).

Ademais, o uso da medicina popular nas comunidades é uma prática comum e frequentemente preferida em relação à medicina formal. As terapias fitoterápicas que prevalecem nas comunidades quilombolas são o resultado de influências que se acumularam ao longo de séculos, combinando saberes e tradições das culturas indígenas e africanas. Embora haja uma escassez notável de registros considerados oficiais sobre esses conhecimentos tradicionais dentro das comunidades quilombolas, esses povos continuam a preservar e praticar os costumes transmitidos por seus antepassados africanos (SANDES E FREITAS, 2018).

É importante destacar que esses conhecimentos são transmitidos oralmente e por meio da experiência compartilhada entre as pessoas, o que torna desafiador encontrar uma bibliografia abrangente sobre o assunto. Mãe Stella de Oxóssi, uma defensora engajada da cultura do povo negro no Brasil, escreveu um livro intitulado *O que as folhas cantam?* (2014), no qual ela explora a filosofia religiosa do ritual Sàsàn Yìn. Este ritual tem como objetivo despertar o poder das folhas para utilizá-las como remédio para o corpo, a alma e o espírito. O livro contém mais de sessenta cânticos em língua yorubá, acompanhados de suas respectivas traduções, além de várias histórias relacionadas ao orisa e às plantas.

Ao abordar o tema dessas folhas/ervas que curam no contexto quilombola, o livro *As Lendas de Dandara* desempenha um papel fundamental no resgate e preservação do conhecimento tradicional sobre plantas medicinais em comunidades. Ele se apresenta como uma valiosa ferramenta para promover a valorização desse saber ancestral que essas comunidades carregam há gerações. Além disso, ao apresentar esse conhecimento, o livro também contribui para sensibilizar a sociedade sobre a riqueza cultural e medicinal das práticas das comunidades quilombolas, fortalecendo assim a conexão entre o passado e o presente desses grupos.

Em relação a ligação de Bayô com a comida, é possível retomar a influência africana na comida brasileira sendo uma parte fundamental da nossa identidade culinária. A herança africana é um dos pilares da gastronomia brasileira, com pratos, ingredientes e técnicas que foram trazidos pelos africanos escravizados e que se tornaram integrantes essenciais da nossa culinária. Segundo Cascudo (2004) em seu livro *A história da alimentação no Brasil*, os africanos trouxeram plantas como hibiscos, quiabo, quingombô, gombô e vinagreira, entre outras variedades de quiabo. Além disso, o inhame liso e da Índia, erva-doce, do gengibre

amarelo e do gergelim também faziam parte desse rico cenário. Numerosos pratos de influência africana estão presentes em todo o território brasileiro, com variações nos ingredientes e nas designações. Contudo, alguns deles mantêm uma ligação mais forte com a Bahia, que foi o primeiro estado a ser colonizado. Entre os exemplares da culinária de origem africana que podemos encontrar no Brasil, destacam-se: acarajé, caruru, vatapá, angu, pamonha, cuscuz, cocada, quibebe, xinxim, quindim e feijoada (CASCUDO, 2004, p. 243).

Ademais, os quilombos, principalmente o de palmares, estavam localizados em áreas férteis adequadas para o cultivo de diversas plantas e abundantes em recursos de caça e pesca. O solo era de alta qualidade, mesmo nas montanhas, com sua característica terra vermelha, e os vales e as ravinas eram cobertos por uma camada de solo escuro, rico em húmus e matéria orgânica, provavelmente de origem aluvial. A floresta abrigava uma variedade de árvores frutíferas, incluindo jaca, laranja, manga, lima da Pérsia, lima de umbigo, laranja-cravo, fruta-pão, cocos da praia e entre outras. A vida animal na região era diversificada, incluindo desde a suçuarana até a onça pintada, jaguatiricas (gatos-do-mato), antas, guarás, guaxinis, raposas, veados, pacas, cotias, queixadas, caetitus, cuandus, coelhos, preás, tatus (tatu-peba, tatu-bola), tamanduás-mirins, quatis e preguiças. Além disso, nos brejos do rio Paraíba, crustáceos como pitus, caranguejos e aruás podiam ser encontrados. Por vezes, também eram avistadas as mandíbulas dos jacarés (CARNEIRO, 1958, p. 47).

Além de evocar as lembranças da cultura e comida ancestral, a personagem Bayô incorpora elementos fundamentais da estrutura social afrodiáspórica, como a matrilinearidade, um conceito que se origina na ideia de matriarcado e na ancestralidade das sociedades africanas. A partir dessa cultura matrilinear, emerge a proeminência das mulheres nas comunidades afro-brasileiras de tradição oral. Estudiosos da antropologia e etnologia que investigaram essa formação cultural, como o senegalês Cheikh Anta Diop (1974), sustentam que o sistema matriarcal, em tempos muito distantes, serviu como fundamento da organização social em diversas nações africanas.

Aderindo à perspectiva que defende o destaque das mulheres na esfera econômica, cultural e social, como refletido na matrilinearidade das comunidades tradicionais, a antropóloga brasileira Elisa Larkin Nascimento (2008) endossa a concepção de Diop ao afirmar:

[...] nas civilizações meridionais, agrárias, a mulher desempenhava função central. Ela representava, socialmente, o valor máximo da vida e da produção agrícola: a estabilidade. Suas atividades no cultivo garantiam o sustento da coletividade, enquanto os homens desempenhavam funções arriscadas, incertas ou até

economicamente prejudiciais à comunidade, como a caça, a pesca e a guerra. O papel da mulher no desenvolvimento da técnica agrícola constitui o tema de muitos mitos e lendas. Ísis, irmã de Osíris, foi a primeira deusa da mitologia egípcia e trouxe à humanidade o conhecimento da agricultura (NASCIMENTO, 2008, p. 75).

Bayô incorpora essa dinâmica à narrativa, em que ela simboliza, em termos sociais, o ápice do significado da vida e da produção: a estabilidade. Suas contribuições no cultivo eram cruciais para assegurar a subsistência da comunidade. Além desse cuidado com o cultivo e produção de comida, a conexão de Bayô se estende pelo ambiente ao seu redor, sua profunda intimidade com a mata foi o que a protegeu de ser capturada por um capitão do mato, como é possível ver no trecho a seguir:

O capitão do mato não conhecia aquela terra e não sabia de seus atalhos. Mesmo estando em vantagem, por não ter nenhum buraco de bala provocando dores agudas, o homem tinha dificuldade para acompanhar Bayô, que se enfiava por espaços de difícil acesso e usava árvores como aliadas, não como obstáculos a transpor. Se não estivesse baleada, Bayô certamente conseguiria fugir com destreza, mas nem seu ferimento lhe impedia de provar sua habilidade e familiaridade com a mata, que conhecia detalhadamente. A intimidade com a natureza foi, afinal, a salvação de Bayô – o homem havia ficado para trás (ARRAES, 2015, p. 26-27).

Os quilombolas tinham facilidade em fugir pela mata por várias razões. Muitos deles possuíam um profundo conhecimento do ambiente natural, incluindo florestas e selvas, devido às suas origens em áreas rurais na África. Esse conhecimento ajudava-os a se orientar e a sobreviver na mata, tornando as fugas mais viáveis.

Antônio Bispo dos Santos (2015) compartilha sua vivência e participação ativa nas decisões de seu quilombo, o Quilombo Saco-Curtume, localizado em São João do Piauí. Em seu livro intitulado *Colonização, Quilombos: Modos e Significado*, no terceiro capítulo com o título *Biointeração*, Antônio Bispo aborda de maneira contemporânea a relação estabelecida entre a comunidade quilombola e o ambiente que a cerca. Neste capítulo, Bispo oferece uma perspectiva esclarecedora sobre como a interação entre os indivíduos e o território, ao qual eles pertencem, se desenvolve de maneira interdependente e vai além da mera busca pela produção de subsistência.

O autor destaca a importância de romper com as noções utilitaristas frequentemente associadas à propriedade da terra, evidenciando que a relação entre a comunidade e o ambiente é muito mais profunda e existencial do que meramente pragmática. A abordagem de Bispo convida os leitores a considerarem a conexão intrínseca entre a comunidade quilombola e o seu território, valorizando não apenas a utilidade da terra, mas também a sua importância fundamental na construção da identidade e da existência dessas comunidades.

Desta forma, a conexão com o território vai além da mera busca por subsistência como se pode notar através de Bayô, que demonstra uma afinidade genuína com a terra, com o próprio território. Na cena da narrativa em que Bayô foge do capitão do mato, descrita anteriormente, ela aparenta uma notável capacidade de navegar em locais de difícil acesso, demonstrando um domínio impressionante da mata. Mesmo diante de um ferimento, continuava a exibir sua habilidade e familiaridade com o ambiente natural, utilizando as árvores como aliadas. Isso sugere uma profunda conexão e conhecimento da natureza local.

Em conclusão, a personagem Bayô, nomeada com um significado que evoca alegria e conexão com a cultura africana, personifica a resiliência e a resistência das comunidades quilombolas ao longo da história. Sua profunda ligação com a terra, as ervas medicinais e os sabores da cura representa não apenas a herança ancestral, mas também a continuidade dessas tradições vitais que moldaram a identidade e a sobrevivência das comunidades quilombolas.

. Por meio da narrativa, Bayô nos lembra da importância de preservar e valorizar o conhecimento tradicional, a cultura e a relação intrínseca entre o ser humano e o ambiente que o cerca. Essa harmonia com a terra e a busca pelo equilíbrio entre a cura e a ancestralidade oferecem uma perspectiva inspiradora para as gerações presentes e futuras, reforçando a vitalidade da herança africana na rica cultura brasileira.

2.3 Dandara entre a fabulação e a história da sua força, luta e legado

Atualmente, a pesquisa e análise da história e vida de Dandara ainda enfrentam notáveis lacunas de conhecimento. O campo da pesquisa histórica, em particular, sofre com a escassez de fontes disponíveis. Essa carência não é apenas devida à falta de documentação da época, mas também é agravada pela limitação dos documentos existentes, que muitas vezes refletem a perspectiva das autoridades coloniais, oferecendo uma visão incompleta e contraditória. Esses registros se resumem a números ou códigos em registros contábeis e documentos que tratam os escravizados como mercadorias, não fornecendo qualquer pista sobre a identidade desses indivíduos como seres humanos merecedores de reconhecimento, incluindo seus nomes, idades ou lugares de origem.

A maioria das informações disponíveis sobre Dandara é encontrada em fontes fragmentadas e dispersas, dificultando uma compreensão abrangente de sua vida e contribuições. Algumas referências são obtidas em sites de internet que, muitas vezes, carecem de fontes e referências. Além disso, encontramos breves menções em obras literárias,

como o livro *Extraordinárias Mulheres que Revolucionaram o Brasil* (2017). Também existem obras literárias específicas dedicadas a Dandara, escritas por mulheres, como *As lendas de Dandara* (2015) e o cordel *Dandara dos Palmares* (2020), escrito por Jarid Arraes, *Dandara* (2021), de Amanda Julieta, e *A rainha Dandara e a beleza dos cabelos crespos* (2022), de Dayse Cabral de Moura. Essas fontes literárias desempenham um papel fundamental na divulgação da história de Dandara.

No ensaio intitulado "Vênus em dois atos", Saidiya Hartman (2008) com o objetivo de investigar as lacunas na historiografia da escravidão, adota uma estratégia que consiste em analisar o que está fora do alcance dessa narrativa convencional. Sua abordagem envolve examinar minuciosamente detalhes extraordinários como fragmentos de uma realidade mais ampla, visando lançar luz sobre as experiências das pessoas escravizadas e, ao fazê-lo, contribuir de alguma forma para a reparação histórica.

A proposta de Hartman, portanto, é conduzir um exercício imaginativo que busca responder à pergunta "o que poderia ter sido". Ela questiona como é possível contar uma história que, desde o início, está marcada pela tragédia e antecipada pela morte. Seu objetivo é romper o silêncio que envolve essas vidas negligenciadas, oferecendo uma voz e representação por meio de sua escrita como uma forma de buscar justiça histórica. Assim, é proposto a fabulação crítica como o método orientador da prática de escrita, que utiliza elementos históricos, "rearranjando-os, rerepresentando a sequência de eventos em histórias divergentes e de pontos de vista em disputa".

Dandara é reconhecida como a mais emblemática líder feminina na história da República de Palmares. Ela desempenhou um papel integral em todas as batalhas, lutas e na construção da sociedade e cultura que floresceram, mas também sofreram dentro dos limites do quilombo. No entanto, informações sobre suas origens, como seu local de nascimento e ascendência, permanecem escassas, mas relatos indicam que ela chegou ao quilombo dos Palmares ainda na infância. Ela é descrita como uma mulher forte, bela, guerreira, persuasiva, líder e incansável na busca pela liberdade, com seu talento e personalidade sendo enaltecidos nas narrativas. Dandara desempenhou um papel fundamental na construção da sociedade de Palmares, contribuindo para sua organização socioeconômica, política e familiar.

Além de ser a esposa de Zumbi dos Palmares, com quem teve três filhos (Harmódio, Aristogíton e Motumbo), Dandara foi uma das destacadas líderes negras que enfrentaram o sistema escravocrata do século XVII. Ela não se limitou apenas a algumas tarefas, se envolvendo na agricultura, produção de farinha de mandioca, caça e aprendeu a lutar capoeira

e a manejar armas. Quando adulta, liderou as falanges femininas do exército negro de Palmares. Dandara participou ativamente de todos os ataques e defesas durante a resistência do quilombo na Serra da Barriga, em Alagoas, ao lado de Ganga-Zumba.

Ela desafiou o tratado de paz assinado por Ganga-Zumba e pelo governo português, posicionando-se contra essa proposta. Dandara preferia a contínua luta, enxergando no tratado uma ameaça à República de Palmares e ao retorno à escravidão. No dia 6 de fevereiro de 1694, em meio a um combate, seus três filhos teriam perdido a vida, e Dandara teria tomado a decisão de se lançar de um penhasco para evitar ser capturada. Zumbi, por sua vez, conseguiu escapar com um pequeno grupo na esperança de reconstruir Palmares. Segundo Carneiro (1958) “Zumbi não pereceu nesses combates, nem se atirou no abismo. [...] mas continuou vivo, reagrupando os seus homens, organizando novamente as forças de resistência do quilombo, - a mais prolongada tentativa de autogoverno dos povos negros no Brasil.” (CARNEIRO, 1958, p.41).

Dandara dos Palmares recebeu um merecido reconhecimento como uma figura de destaque na história nacional em 27 de março de 2019. Nessa data, o Senado Federal do Brasil tomou a iniciativa de honrar sua memória ao inscrever seu nome no livro de Heróis da Pátria. Esse significativo gesto foi concretizado através da aprovação do Projeto de Lei da Câmara (PLC) 55/2017, que teve autoria da ex-deputada Tia Eron. Posteriormente, em 24 de abril do mesmo ano, a conquista foi oficialmente sancionada por meio da Lei nº 13.816/19. Com isso, Dandara dos Palmares se eternizou como uma heroína reconhecida e respeitada na história do Brasil, um tributo à sua coragem e contribuições notáveis para a luta contra a opressão e a busca pela liberdade.

No livro de Arraes (2015), somos conduzidos por uma fusão intrigante das narrativas citadas anteriormente sobre a figura de Dandara, entrelaçado com elementos fictícios. Inicialmente, presenciamos o seu nascimento por meio de Iansã, conforme previamente explorado. Posteriormente, a trama se desenrola em torno dos desenvolvimentos da vida de Dandara, impulsionados pelos ensinamentos de Bayô, após a ter encontrado na mata. Simultaneamente, somos apresentados à sua resistência em relação a determinadas tarefas que lhe foram atribuídas, isso pode ser notado no trecho subsequente:

De todos os afazeres que lhe eram designados, o que mais a angustiava era o preparo da comida. Dandara se sentia sufocada pelos vapores dos alimentos e entediada pelo desfecho sempre previsível daquelas refeições. "Isso é muito sem emoção", queixava-se para Bayô, esticando os olhos no sentido da clareira, tentando enxergar

através das árvores para observar os guerreiros em treinamento (ARRAES, 2015, p. 21).

Ao mesmo tempo em que eram impostas sobre ela a preparação de alimentos e a coleta de ervas, Dandara considerava essas tarefas monótonas e desprovidas de significado. Em contrapartida, destacava-se em sua aptidão para a capoeira e sua habilidade na discussão de estratégias de combate. Com frequência, era possível encontrá-la em locais ocultos, como por trás de imponentes rochas, observando os homens forjando armas e elaborando planos para a emancipação dos escravizados (ARRAES, 2015, p. 22).

A narrativa que explora a história de figuras como Dandara requer uma atenção cuidadosa para evitar cair em armadilhas que perpetuam o discurso do feminismo branco. Isso se torna fundamental para entender e ressignificar o papel dos discursos feministas em questões que envolvem a subjetivação das mulheres. É imperativo reconhecer que as opressões e desigualdades que afetam as mulheres não podem ser analisadas de forma isolada. A interseccionalidade desempenha um papel crucial aqui, pois as experiências das mulheres são profundamente moldadas pela interação complexa de identidades como raça, gênero e classe. Portanto, é inadequado e simplista tratar todas as mulheres como um grupo homogêneo e universalizar suas lutas.

No contexto brasileiro, podemos observar como as estruturas históricas de poder se entrelaçam com o sistema de opressão de gênero. Por exemplo, a relação entre o escravismo e o trabalho doméstico é profundamente enraizada na história do país. A renúncia da mulher branca em ocupar esses espaços de trabalho doméstico acabou por uma naturalização dessas atividades associadas à mulher negra de classes populares, que historicamente enfrenta uma exploração sistêmica.

É fundamental reconhecer que as experiências das mulheres não são uniformes e que as lutas feministas devem abranger a diversidade de vozes e perspectivas, levando em consideração as complexidades das interações entre raça, gênero e classe. Somente assim podemos desenvolver estratégias eficazes para combater as opressões sistêmicas que afetam as mulheres em todas as suas identidades e situações sociais.

Segundo González (2020), em relação ao trabalho escravo, as mulheres eram alocadas em diversas ocupações, que variavam desde atividades no campo, como a plantação de cana-de-açúcar e café, até o trabalho doméstico. No primeiro cenário, quando atuavam como escravas nas plantações, muitas delas incentivaram seus colegas à revolta, à fuga e à formação de quilombos. Quando viviam em quilombos, como o de Palmares, participavam ativamente

das batalhas contra expedições militares empenhadas em destruí-los, ao mesmo tempo em que transmitiam aos seus filhos valores antiescravistas, anticoloniais e antirracistas (GONZALÉZ, 2020, p. 180).

Após a recusa de Dandara em acompanhar Bayô na expedição para buscar ervas à beira do rio, onde Bayô quase foi capturada por um capitão-do-mato, Dandara passou a compreender a relevância de todos os papéis desempenhados dentro do quilombo. Neste momento subsequente, torna-se visível o amadurecimento e a evolução de pensamento da personagem:

Dandara tinha aprendido que cada papel tinha a sua importância na manutenção e defesa de Palmares. Sem que alguém cozinhasse alimentos fortes, os guerreiros não poderiam lutar; e sem que alguém fosse buscar as ervas na beira do rio, uma quantidade muito maior de pessoas acabaria morrendo. Além disso, a menina havia entendido que essas tarefas não eram fáceis ou livres de perigo – o risco de morte que Bayô corria e a cautela que todo o quilombo mostrara antes de voltar ao local do ataque eram provas de que os papéis designados às mulheres não eram frívolos. (ARRAES, 2015, p. 34).

Após o amadurecimento da personagem e o respeito que ela ganhou através de suas façanhas na mata, incluindo a audaciosa ação de roubar um cavalo de um capitão-do-mato, Dandara passou a planejar ataques contra navios, pois “na sua percepção, o quilombo era atacado, construía sua defesa e resistia; não era invadido nem destruído, mas não conseguia avançar.” (ARRAES, 2015, p. 53). Com isso, na sua primeira empreitada ao navio, conseguiu sair vitoriosa, salvando inúmeras pessoas.

Além da investida descrita anteriormente, há mais duas ações notáveis. Uma delas envolve a incineração da casa-grande do Senhor Arnoso, enquanto a outra resulta na libertação das senzalas na fazenda de Mendonça. No decorrer de todas essas batalhas, é perceptível a sensibilidade de Dandara diante dos acontecimentos, como evidenciado nos seguintes trechos:

Vendo aquele cenário, Dandara sentia em seu ventre uma cólica terrível, como a dor de uma mulher que perde o filho ainda no útero. Era a mesma dor de África, que sangrava há tanto tempo e via escorrer pelo oceano o seu furor de vida. “Como dói”, pensou Dandara. A guerreira não sabia a origem daquelas sensações físicas, mas compreendia que não podia parar naquele momento. “Preciso liderar meu povo”, disse para si mesma (ARRAES, 2015, p. 106-107).

Dandara desempenhava um papel fundamental ao cuidar dos indivíduos que chegavam ao quilombo com ferimentos ou machucados, demonstrando sua dedicação e seu compromisso com o bem-estar dos membros do grupo, como mostrado a seguir:

Quando voltaram ao quilombo, Dandara fez de tudo para que a mulher se recuperasse. Muitos dias se passaram desde o retorno, mas a guerreira não descansou enquanto não viu cada um das feridas saradas. A pele demorou a se regenerar, mas Dandara não deixou de se dedicar aos cuidados intensos. Cada cicatrização no corpo daquela mulher era também um buraco que se fechava no peito da guerreira (ARRAES, 2015, p. 89).

No decorrer do livro, Dandara estabelece dois laços afetivos significativos, um com Bayô e outro com Zumbi. A relação com Bayô parece não estar plenamente consolidada e desenvolvida na escrita, levantando a questão de porque Dandara não a chama de mãe, considerando que Bayô a tratava como sua filha. De acordo com o narrador, Dandara tinha pleno conhecimento de sua própria história e como fora encontrada. Sua decisão de não chamá-la de mãe era pura racionalidade, pois pensava na mulher que a havia parido (ARRAES, 2015, p. 30).

Inicialmente, a relação de Dandara com Zumbi era mantida em segredo perante toda a comunidade, em parte devido ao receio de Zumbi de se mostrar vulnerável e também pelo temor de que as pessoas julgassem a posição de Dandara nas batalhas devido ao envolvimento deles. O medo desse afeto muitas vezes não é considerado, pois corpos negros estão constantemente expostos à violência e ao racismo estrutural, tornando desafiadora a possibilidade de ressignificar as relações humanas, que englobam laços familiares, amizades e relacionamentos amorosos.

No desfecho da história, a morte de Dandara é retratada no livro como um sinal de Iansã, manifestado através de uma tempestade que a levou a se lançar do penhasco, no trecho a seguir fica clara a escolha da liberdade eterna em vez de permanecer uma escrava:

Em sua mente, cenas de suas vitórias coloriam sua alma, aquecendo o seu coração. Via o alívio nos olhos daqueles que chegavam a Palmares pela primeira vez; ouvia o som dos grilhões sendo rompidos pelo machado em suas mãos e os brados de triunfo que os guerreiros faziam ecoar pelos ares. Seu espírito finalmente se encontrava com a paz que merecia, acalentado pela certeza de que sua vida tinha servido a um propósito maior. O pulo, então, foi suave. Com a cabeça apontada para baixo e de olhos fechados, Dandara se entregava ao destino, com nada mais no pensamento além das palavras que ouvira de Iansã naquele mesmo lugar, quando ainda era uma garotinha cheia de sonhos. - Com você até o fim... – Iansã sussurrou pelos ventos (ARRAES, 2015, p. 122).

Segundo Kilomba (2008), no seu livro *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*, no contexto da escravização, as comunidades negras enfrentavam punições coletivas sempre que um de seus membros tentava ou cometia suicídio. Essa cruel realidade sublinha o papel subversivo do suicídio nas dinâmicas da opressão racial. A punição infligida à comunidade escravizada não apenas refletia o desejo dos senhores brancos de preservar suas "propriedades", mas, sobretudo, revelava um interesse em impedir que os africanos escravizados se tornem sujeitos. Optar por não mais viver sob as condições impostas pelo senhor branco é uma representação final, na qual o indivíduo negro reafirma sua subjetividade (KILOMBA, 2019, p. 189). Desta forma, o suicídio de Dandara, em última instância, representa uma manifestação de autonomia, já que somente um indivíduo pode decidir sobre sua própria vida ou determinar sua própria existência.

Em resumo, Dandara é retratada na história como uma mulher de incrível força e coragem, uma verdadeira guerreira que dedicou sua vida à luta pela liberdade de seu povo. Sua figura histórica é verdadeiramente notável, destacando-se como uma líder destemida e visionária dentro do Quilombo dos Palmares. O legado que ela deixou é uma fonte inesgotável de inspiração para as batalhas por justiça social e igualdade que continuam a ecoar até os dias atuais.

Sobre isso, Maria Beatriz Nascimento, impulsionada principalmente por um compromisso político na luta contra o racismo, reconheceu a importância de recontar a história do Brasil. Em suas obras acadêmicas e intelectuais, seu objetivo central era lançar luz sobre as histórias das populações africanas e afro-diaspóricas que haviam sido negligenciadas por muito tempo. Ela percebeu que essa negligência revelava muito sobre a história do país como um todo. Portanto, a autora enfatizava a necessidade de adotar abordagens epistêmicas, teóricas e metodológicas distintas das empregadas pela historiografia dominante de sua época, a fim de construir narrativas autênticas e inclusivas. Ela acreditava que só assim poderíamos realmente compreender e transformar nossa compreensão da história do Brasil.

Durante as décadas de 1970 e 1980, Maria Beatriz Nascimento persistia na revisão da história do Brasil e das memórias a ela relacionadas. Ela acreditava que essas memórias desempenhavam um papel fundamental no entendimento, na reconstrução emocional e simbólica das comunidades negras. Para ela, essa abordagem representava uma maneira poderosa de lidar com o passado e de compreender-se como indivíduos que atuam ativamente na criação de seu próprio mundo. Nas palavras da historiadora, "todas essas feridas não

cicatrizadas, todo o trauma de uma história ainda não escrita, ainda não totalmente explorada, nos tornam pessoas reprimidas, complexadas" (NASCIMENTO, 2018, p. 47).

A personagem Dandara é importante para aliviar a dor dessa ferida, desse trauma, sendo uma figura que brilha intensamente na história, especialmente para as mulheres negras. Seu impacto e importância transcendem fronteiras geográficas e temporais, inspirando e empoderando mulheres negras em todo o mundo. Sua coragem e determinação para enfrentar a opressão no Brasil colonial a tornou uma fonte inesgotável de inspiração.

Dandara desafia estereótipos prejudiciais que tentam retratar as mulheres negras como submissas e sem voz. Sua história reforça que as mulheres negras têm estado na linha de frente de movimentos de resistência e luta por direitos, contribuindo significativamente para a construção de uma sociedade mais justa. Seu legado continua a inspirar gerações atuais e futuras de mulheres negras, reforçando a mensagem de que elas são capazes de liderar, resistir e triunfar. Dandara dos Palmares é muito mais do que uma figura histórica; ela é uma força inspiradora que ilumina o caminho para um futuro mais inclusivo e equitativo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No cenário literário contemporâneo do Brasil, apesar das dificuldades, vozes de mulheres negras se destacam no âmbito ficcional, carregando, quase invariavelmente, um sentimento de inconformidade em relação aos espaços, tanto reais quanto literários, historicamente relegados a essas mulheres. Essa voz se manifesta em espaços limitados, muitas vezes predefinidos, em que a mulher escreve, inscreve e reescreve, por meio da qual ela enuncia e denuncia através da palavra.

Essa literatura desempenha uma ferramenta poderosa para expandir as experiências humanas. A inclusão de vozes diversas e autênticas é essencial para esse propósito. No contexto da representação na literatura, as mulheres negras executam uma atribuição vital, produzindo caminhos e conhecimentos em várias esferas da sociedade. Quando encontramos personagens femininas negras nas páginas de um livro, cria-se um espaço significativo para empoderamento e identificação. Esse encontro com personagens é incrivelmente fortalecedor para as mulheres negras e, ao mesmo tempo, proporciona uma oportunidade para outras pessoas se conectarem com suas lutas e triunfos, fomentando a empatia e a compreensão entre diferentes grupos.

Com a intenção de explorar narrativas de (r)existência, a Jarid Arraes constroem em seus romances e através deles, comunidades de refúgio semelhantes a quilombos. Essas comunidades afetivas fundem passado, presente e futuro na busca por um espaço de pertencimento. Enquanto o leitor se apropria da História apagada, ele também descobre a oportunidade de expressar sua própria narrativa no contexto das experiências do presente.

Na análise das três personagens negras - Iansã, Bayô e Dandara - fica evidente como elas trazem aspectos importantes da relação contínua entre o Brasil e o continente africano através da religião, dos saberes ancestrais e das histórias dos que foram obrigados a cruzar o Atlântico. A personagem Iansã nos proporciona uma oportunidade de conhecer mais sobre o candomblé e os mitos dos orixás, elementos profundamente enraizados em nossa cultura, mas muitas vezes relegados a um lugar secundário devido a diversas formas de intolerância enfrentadas. Por meio de Bayô, percebemos a conexão afro-brasileira, que se manifesta através de nomes apagados, práticas culinárias e o uso de ervas medicinais. Essas personagens enriquecem a literatura ao explorar esses aspectos importantes da cultura brasileira e africana, contribuindo para uma compreensão mais profunda e inclusiva de nossa história e identidade.

No tocante a Dandara, a narrativa se aprofunda em sua trajetória e seu papel de liderança no Quilombo dos Palmares, bem como em sua incansável resistência contra o regime escravocrata. Ela se revela como uma figura profundamente determinada a conquistar sua liberdade, destacando ao longo da narrativa sua profunda identificação com o papel de guerreira. Além do mais, a inclusão de heroínas negras na literatura brasileira não apenas corrige a narrativa nacional estabelecida, mas também desafia a concepção preconcebida do lugar dos indivíduos negros. Por meio da reinterpretação do colonialismo, a autora revela as raízes profundas do racismo, sua lógica interna, ao mesmo tempo em que apresenta representações alternativas do passado, preenchendo, assim, uma lacuna histórica por meio de suas obras. A história de Dandara enfatiza o fato de que as mulheres negras sempre estiveram na vanguarda dos movimentos de resistência e na busca por direitos, desempenhando um papel crucial na construção de uma sociedade mais justa.

Promovendo uma maior equidade, inclusive dentro do mundo literário, escritoras como Jarid Arraes e outras mulheres negras que escrevem acabam servindo de inspiração para futuras escritoras. A visibilidade conquistada por essas autoras negras e suas obras não apenas motiva jovens talentos literários a perseguirem seus próprios sonhos na literatura, mas também amplia de forma significativa a diversidade de vozes que enriquecem o cenário literário. Com suas contribuições, elas quebram barreiras e expandem as fronteiras da representatividade na literatura, abrindo caminho para narrativas mais diversas e inclusivas.

Além disso, por meio desse discurso, é possível observar uma abordagem inovadora na narrativa da história de Dandara e das mulheres que viveram no quilombo dos Palmares, buscando assim preservá-las não por meio de registros escritos feitos por seus opressores, mas por narrativas que trazem suas vivências de aquilombamento e cuidado uma com as outras. Através dessa forma de abordagem, emerge uma epistemologia que se concentra na dinâmica da experiência negra no Brasil.

REFERÊNCIAS:

AGUIAR LEITE, Luiz Felipe de Queiroga. *Os sonhos no candomblé*. 2008. Dissertação de mestrado (Ciências sociais). Bahia, 2008. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/10238/1/Dissertacao%20Luiz%20Leiteseg.pdf>.

Acesso em: 23 ago. 2023.

ARRAES, Jarid. *As lendas de Dandara*. São Paulo: Editora de Cultura, 2015.

_____. *3 Lições que aprendi com o clube da escrita para mulheres*. [S. l.], 17 set. 2023.

Disponível em:

<https://elle.com.br/colunistas/3-lico-es-que-aprendi-com-o-clube-da-escrita-para-mulheres>.

Acesso em: 12 set. 2023.

_____. *Biografia completa*. [S. l.]. Disponível em: <https://jaridarraes.com/biografia/>.

Acesso em: 17 set. 2023.

BOTELHO, D.; NASCIMENTO, W. F. do. *Educação e religiosidades afro-brasileiras: a experiência dos candomblés*. Participação, [S. l.], n. 17, 2011. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/participacao/article/view/24204>. Acesso em: 29 set. 2023.

CARNEIRO, Edison de Souza. *O quilombo dos Palmares*. Companhia Editora Nacional: São Paulo, 1958.

CASCUDO, Luís da Câmara. *História da alimentação no Brasil*. 2. Ed. São Paulo: Global, 2004.

DALCASTAGNÈ, Regina. *Literatura contemporânea: um território contestado*. Vinhedo: Editora Horizonte; Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2012.

DIOP, Cheikh Anta. *A origem da civilização africana: mito ou realidade?* Trad. Mercer Cook. Westport: Lawrence Hill, 1974.

ELIAS, Bianca. *Escritora negra Jarid Arraes fala sobre sua obra e influência nordestina*. [s/d]. Disponível em: <http://www.afreaka.com.br/notas/escritora-negra-jarid-arraes-fala-sobre-sua-obra-e-influencia-nordestina/>. Acesso em: 16 set. 2023.

EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma voz quilombola na literatura brasileira. In: PEREIRA, Edmilson de Almeida (Org.). *Um tigre na floresta de signos: estudos sobre poesia e demandas sociais no Brasil*. Belo Horizonte: Mazzz, 2010.

FILHO, Antônio Munró. *Eu não sou sozinha*. Rio Janeiro, 1 jan. 2020. Disponível em: <https://rascunho.com.br/entrevista/31197-2/>. Acesso em: 16 set. 2023.

GÓES, Lúcia Pimentel. Lenda. In: CEIA, Carlos (coord.). *E-Dicionário de Termos Literários*. Disponível em: <http://www.edtl.com.pt>. Acesso em: 11 set. 2023.

GONZALEZ, Lélia. *Por um Feminismo Afro-Latino-Americano: Ensaios, Intervenções e Diálogos*. Rio Janeiro: Zahar, 2020.

HARTMAN, Saidiya. “*Venus in Two Acts*”. In: Small Axe, 1 June 2008.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LOPES, Nei. *Enciclopédia brasileira de diáspora africana*. São Paulo: Selo Negro, 2005.

MACIEL, Nahima. Intitulada 'Lady Gaga do Cariri', Jarid Arraes mistura fantasia e realismo. [S. l.], 13 jul. 2019. Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2019/07/13/interna_diversao_arte,770488/lady-gaga-do-cariri-jarid-arraes.shtml. Acesso em: 17 set. 2023.

NASCIMENTO, Abdias. *O quilombismo*. Petrópolis: Vozes, 1980.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. *A matriz africana no mundo*. Sankofa: matrizes africanas da cultura brasileira 1. São Paulo: Selo Negro, 2008.

NASCIMENTO, Maria Beatriz. *Beatriz Nascimento, Quilombola e Intelectual: Possibilidades nos dias da destruição*. São Paulo: Editora Filhos da África, 2018.

MERCÊS, Calila das. *Movimentos e (re)mapeamentos de mulheres negras na literatura brasileira contemporânea*. 2020. 220 f., il. Tese (Doutorado em Literatura) - Universidade de Brasília, Brasília, 2020.

PALMA, Rogerio da; TRUZZI, Oswaldo. *Renomear para Recomeçar: Lógicas Onomásticas no Pós-abolição*. Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, ano 2018, v. 61, n. 2, p. 311-340, mar. 2018. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/dados/a/sHR8Z49fsxtYRxZZN5swFhv/?lang=pt>. Acesso em: 16 set. 2023.

PINA-CABRAL, João; VIEGAS, Susana. *Nomes e Ética: Uma Introdução ao Debate*, in J. Pina-Cabral; S. Viegas (orgs.), *Nomes: Gênero, Etnicidade e Família*. Coimbra, 2007, p.13-36.

PRANDI, Reginaldo. *De africano a afro-brasileiro: etnia, identidade, religião*. Revista USP, [S. l.], n. 46, p. 52-65, 2000. DOI: 10.11606/issn.2316-9036.v0i46p52-65. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/32879>. Acesso em: 23 ago. 2023.

_____. *Mitologia dos Orixás*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SANDES, Luiza Fernandes Fonseca Sandes; FREITAS, Daniel. *CULTIVO E USO DE PLANTAS MEDICINAIS EM COMUNIDADES QUILOMBOLAS*. In: ANAIS DO I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO: DIVERSIDADE, FORMAÇÃO E SABERES DOCENTES, 2018, Monte Claros. Anais eletrônicos... Campinas, Galoá, 2018. Disponível em: <<https://proceedings.science/cied/papers/cultivo-e-uso-de-plantas-medicinais-em-comunidades-quilombolas?lang=pt-br>> Acesso em: 16 set. 2023.

SANTOS, Antônio Bispo dos. *Colonização, Quilombos: Modos e Significações*. Brasília: INCTI/UnB, 2015

SILVA, Débora Jean Lopes. *Mulheres na literatura: Escritas de autoria feminina negra*.

SIQUEIRA, Maria de Lourdes. “*Agô Agô Lonan: repensando o ser negro em terreiros de Candomblé - Salvador Bahia*. 1985. 304 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1985.

VERGER, P. F. *Orixás. Deuses iorubás na África e no Novo Mundo*. Salvador: Corrupio, 1997.